

## **Baseada em Fatos Reais - Zé Ramalho, Eu e a Escrita (Auto)biográfica<sup>1</sup>**

Christina Fuscaldo de Souza Melo<sup>2</sup>  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

Com uma produção caracterizada por referências literárias e musicais diversificadas, o que a torna um híbrido de influências de apelo transgeracional, Zé Ramalho é o personagem principal de uma biografia autorizada. Através de uma narrativa autobiográfica, este trabalho põe em destaque a importância do cantor e compositor paraibano para a cena musical brasileira e o debate sobre os procedimentos intelectuais e sensitivo-afetivos envolvidos na produção do gênero biográfico e conta uma história que envolve não só o artista e os parceiros com os quais ele se relacionou ao longo da vida como também a pesquisadora, fazendo uma análise da relação entre biógrafa e biografado.

### **Palavras-chave:**

Zé Ramalho; Música popular; Cultura brasileira; Biografia; Autobiografia.

Samba, bossa nova, jazz, rock, pop, heavy metal, forró, baião e MPB. País de produção artística diversificada, o Brasil tem como um dos expoentes da cena musical contemporânea Zé Ramalho, um músico com tendência ao gosto pela experimentação que assume a postura de sujeito contemporâneo que Michel Foucault descreve como um sujeito atravessado pela cultura, pela sociedade e pelas relações de poder, que se afirma enquanto indivíduo e permanece sujeitado aos acontecimentos históricos. Nascido em 03 de outubro de 1949, em Brejo do Cruz, sertão da Paraíba, José Ramalho Neto mudou-se para Teixeira, também no sertão e, depois, para Campina Grande e, finalmente para João Pessoa, onde passou a maior parte de sua adolescência e de onde saiu para o Rio de Janeiro em busca de reconhecimento, este que veio em 1978 através do lançamento de seu primeiro álbum. Aos 18 anos, encantei-me ao ouvir pela primeira vez a sua voz grave de trovador cantando uma música de letra incompreensível por cima de uma harmonia simples, mas ao mesmo tempo rebuscada por instrumentos diferentes daqueles com os quais estava acostumada. Talvez culpa do “eu lírico despersonalizado” construído pelos versos, cuja capacidade, segundo a professora argentina Florencia Garramuño, no livro “Frutos estranhos”, “funda uma poesia

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT Mídia, Música e Mercado do VI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Música.

<sup>2</sup> Mestranda da PUC-Rio, e-mail: christinafuscaldo@yahoo.com.br

em que, mesmo com uma subjetividade reduzida a sua expressão mínima, pode-se falar – e até quase constantemente – de emoções e sentidos, de sensações e sentimentos, ainda que sem sentimentalismo.” (GARRAMUÑO, 2014, p.62) Soube que o nome da canção era “Avôhai” e, ao buscar outras composições do autor, percebi que tínhamos em comum diversas referências literárias e musicais: encontrei em sua obra fragmentos, citações ou homenagens a poemas e músicas de nomes como Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade e Beatles. Eu só não imaginei, naquele momento, que seria eu, um dia, a responsável por sua biografia.

Do mesmo modo em que foi capaz de mesclar em suas harmonias os diversos estilos de rock que conheceu durante a adolescência ao conhecimento de frevo e forró adquirido em sua vivência no Nordeste, Zé Ramalho misturou em suas composições referências de diversos tipos de leitura. Além de criar um ritmo a que intitulou “canção agalopada”, o artista trouxe para suas composições a influência da literatura clássica de Luís Vaz de Camões, assim como da de autores mais contemporâneos, dentre eles o poeta irlandês e Nobel de Literatura William Yeats, de quem plagiou versos em sua composição “Força verde”, em 1982, sem saber da autoria. Em função de sua maneira particular tanto de escrever, com versos longos e líricos, como de cantar, utilizando-se muitas vezes da récita mais do que do canto, foi chamado pelo jornalista Nelson Motta de “Bob Dylan do Sertão” na época do lançamento de seu primeiro álbum. No disco seguinte, o artista paraibano resgatou mais referências: “Admirável gado novo” foi inspirada no livro “Admirável mundo novo”, de Aldous Huxley, e, para compor “Beira-mar”, Zé Ramalho se baseou em “Os Lusíadas”, obra poética fundamental de Camões para a cultura portuguesa. Assim como o escritor fez no século XVI, o cantor escreveu estrofes com tamanho e métricas fixas. O cordel está presente na melodia e na estrutura de muitas outras canções de Zé Ramalho: no álbum de 1981, “A terceira lâmina”, a faixa de abertura levou o nome de “Canção agalopada” e apresentou como ponto central uma problemática a ser resolvida através da inteligência e da astúcia, característica típica dessa literatura. No álbum “Orquídea negra”, de 1983, o músico explicitou sua admiração por nomes da literatura de todos os tempos: na canção “Xote dos poetas”, citou Pablo Neruda, Vinícius de Moraes, Castro Alves, Manuel Bandeira, García Lorca e até o poeta popular do interior do Ceará, Patativa do Assaré, que também foi compositor, cantor e improvisador.

Quando seu disco apareceu no mercado, todo mundo se espantou. Era a época das discotecas, das luzes coloridas, do som americano. Conjuntos americanos chegavam aqui e alegravam a meninada curtida do Sol do Sul. Todo mundo queria dançar, todos queriam brilhar. Os sambistas se retraíram. Os cearenses já gravavam com o som da moda suas músicas nordestinas. E, no meio disso tudo, de repente, muito de repente, surge um sertanejo falando de crateras condenadas no Nordeste, falando de incertezas, falando da terra, falando de pedras. A meninada do sol do Sul parou para pensar nas terras do Brasil. Os críticos se espantavam pela coragem, os intelectuais contestadores vibravam. O espanto se generalizou. (DAYSE, 1978)

Na década de 1960, durante a explosão da Beatlemania no mundo e da Jovem Guarda no Brasil, Zé Ramalho praticou muito ao violão até se sentir apto a integrar um conjunto. Dentre as viagens com a banda de baile The Gentlemen, as que mais marcaram foram às que fez a Recife, onde sua mãe morava e onde conheceu Lula Côrtes, com quem viria a gravar em 1975 o álbum duplo – e hoje raro – “Paêbirú - Caminho da montanha do sol”, além de toda a turma de músicos responsáveis pela cena conhecida como “psicodelia pernambucana”. Nesse início da década de 70, Zé Ramalho saiu pelas cidades do interior pesquisando a música e à poesia nordestina, aquela que ouvia quando pequeno e voltou a escutar nos encontros com violeiros, emboladores, cantadores, aboiadores, cordelistas e repentistas. Aprofundou seus treinos em violas do sertão e virou especialista em escrever histórias de cordel, compor em forma de trova e misturar estilos. Após abandonar a faculdade de medicina, comungou com a psicodelia: LSD e chá de cogumelo serviram de combustível para a saída de sua primeira leva de músicas, entre elas “Avôhai”.

Contando com tantas influências e tão diversificadas referências, em princípio, a construção elaborada por Zé Ramalho parece possuir uma identidade própria. Essa identidade é aqui compreendida como um estilo de se escrever que passa pelo incompreensível, porém transmitindo mensagens através das quais se identifica a estética do autor. Entretanto, quais seriam os elementos mais relevantes que dariam coerência à produção artística de Zé Ramalho? Será que, para além das referências culturais, é possível crer que as vivências também podem ter influenciado na produção desse artista? Essas foram algumas das perguntas que fiz a mim mesma e para as quais logo encontrei respostas. Em 1999, quando ouvi “Avôhai” pela primeira vez, “comecei a sentir os primeiros sintomas da infecção: a manifestação inconfundível do desejo investigatório” (MALCOLM, 1994, p. 36) e dei-me conta de que, para se estudar Zé Ramalho, seria preciso investigar diversos campos. Artista multifacetado, poeta cantador, músico que declama, são muitos e alternáveis os adjetivos

atribuídos aos também mutantes substantivos que o designam dentro da sua área de atuação. São muitas as referências tanto literárias quanto musicais na obra desse paraibano, que nasceu no sertão e migrou para a capital, absorvendo assim um pouco de tudo o que lia, ouvia e vivia. Vivia? Sim! O gênero "biografia" passou a não poder mais ser descartado nesta pesquisa. Para compreender a obra de Zé Ramalho, seria preciso investigar também a sua trajetória. Pensando numa pesquisa também etnográfica, propus-me a ir ao Nordeste para aprofundar meus conhecimentos sobre o início de sua história, desbravando os locais onde morou e entrevistando pessoas com as quais se relacionou. Seguindo os passos de Paul Zumthor, que sentiu necessidade de fazer “trabalho de campo” em seus estudos, para entender a canção de Zé Ramalho, percebi que é preciso entender também a sua formação:

O questionamento da ideia de oralidade levou Zumthor a fazer um longo desvio pela etnologia (p. 39) em viagens pelo mundo (África, Brasil, Japão), observando ao vivo manifestações vocais em quadros culturais menos expostos à hegemonia da escrita. (MATOS, 2000-2001, p. 209)

Fui à Paraíba, onde entrevistei Zélia Pordeus Ramalho, a tia que ajudou a criar Zé, dois dos filhos do músico e alguns de seus amigos de infância e adolescência, entre eles o músico Hugo Leão. Em Pernambuco, conversei com Lula Côrtes e com outros expoentes da psicodelia pernambucana. De volta ao Rio de Janeiro, coletei mais de 100 horas de bate papo com muitos outros nomes relacionados ao meu biografado. Como Leonor Arfuch, eu sabia que “desde seu surgimento, como maneira de resguardar e autenticar palavras ditas na imprensa, a entrevista se revelou como um meio inestimável para o conhecimento das pessoas, personalidades e histórias de vidas ilustres e comuns” (ARFUCH, 2010, p.151). Eu só pensava em coletar o máximo de material que pudesse para não deixar nenhuma lacuna na história que eu queria contar. Para mim, assim como para a jornalista norte-americana Janet Malcolm, “a tarefa do biógrafo, como a do jornalista, é satisfazer a curiosidade dos leitores, e não demarcar seus limites” (MALCOLM, 1994, p.17) E, na medida em que mergulhei na apuração dos fatos ocorridos em sua trajetória, vivi também diversos episódios tão relevantes quanto os que gostaria de narrar no livro que desejava escrever. Passei a pensar como o professor argentino Alberto Giordano, que crê que “la escritura es el modo en que se experimenta lo íntimo de cada vivencia, la íntima distancia con uno mismo en el acto de amar, de cocinar respetando la vida de la materia o de vestir la ‘desnudez sustancial’ del proprio cuerpo.” (GIORDANO, 2006, p. 60). Cheguei a trabalhar em três

projetos do artista. O gênero autobiográfico ganhou importância no momento em que percebi que minha história já estava atrelada a dele há tempos.

A unidade da narração autobiográfica, conseqüentemente, não é dada, mas constantemente “construída” pelo sujeito por meio dos acontecimentos vividos e lembrados. Esta unidade construída e, por outro lado, precária, não é fútil nem ilusória, pois é exatamente desta forma que a integridade ética do sujeito pode ser alcançada. (GALLE, 2006, p.72)

Escutei “Avôhai” em Cabo Verde, cidade do interior de Minas Gerais onde meu avô nasceu e de onde saiu para estudar e formar minha família. Segundo Zé Ramalho, “Avôhai” surgiu durante uma experiência lisérgica em que vozes sopraram os versos, entre eles “Avôhai, avô e pai”. Zé perdeu seu pai com menos de três anos e foi criado pelo avô, um homem forte do sertão da Paraíba, espelho do músico paraibano até sua morte, em 1976, dois anos antes do neto alçar fama nacional. Eu não conheci meu avô, que morreu cerca de seis meses depois do meu nascimento, mas fui criada por um pai que, apesar de urbano, creio ser tão forte quanto o Avôhai, principalmente por ter sido também um espelho para mim. Meu pai nasceu um ano e meio depois de Zé Ramalho e absorveu grande parte das mesmas referências que o artista paraibano, exceto pelas advindas do Nordeste. Meus primeiros conhecimentos sobre música vieram dele, mas, quando descobri Zé Ramalho, descobri também que, aos 18 anos, minhas preferências já não eram só as mesmas que as do meu primeiro professor de música. Nessa época, eu já era uma devoradora de biografias e uma colecionadora de recortes de matérias publicadas em revistas e jornais sobre os artistas que admirava, e estava prestes a ingressar na faculdade de Jornalismo. Zé Ramalho ganhou uma pasta de recortes também, mas sempre senti que havia poucas publicações sobre ele. De 1999 a 2003, ano em que fui convidada a acompanhar o meu tutor no jornalismo musical, o crítico Jamari França, em uma entrevista que ele fez com Zé Ramalho, confirmei a minha desconfiança de que não havia de fato muito material de pesquisa sobre o cantor e compositor. Em 1999, eu tinha vaticinado que se ninguém escrevesse a biografia de Zé Ramalho, eu o faria. E, em 2005, logo após fazer a minha primeira entrevista com ele, iniciei um processo de sedução. Mas, quando decidi que seria uma autora de biografias não imaginei as dificuldades que poderia enfrentar. Eu não pensava na fama que isso poderia me trazer, mas na história que gostaria de contar, a que não tinha tido a oportunidade de ler. Queria trabalhar a narração heterodiegética que Philippe Lejeune expõe no livro “O pacto autobiográfico. De Rousseau à internet”, usando a terceira pessoa, o que mostraria a não

identidade entre narrador e personagem principal em uma biografia clássica. Eu não pensava em ser uma autora, mas em “estar autora” no sentido “foucaultiano” da palavra.

Em uma conferência intitulada “O que é um autor?”, em 1969, Michel Foucault examinou o status do autor e sua relação com os textos. Todas as convenções que nós usamos para “convocar” o sujeito fundante do autor estão em questão. Por exemplo, o nome do autor não serve tanto para definir sua identidade, mas faz parte de um discurso da “função autor” – algo que envolve apropriação, propriedade e uma vontade correspondente de autenticar ou de retomar as motivações do autor. (HORROCKS E JEVTIC, 2013. p.99)

Só que, quanto mais eu chegava perto do artista, mais eu me envolvia na história. Somente em 2007, Zé Ramalho deixou que eu me aproximasse. Durante o trabalho que fiz para um de seus álbuns, o “Parceria dos viajantes”, ele me concedeu a autorização. Nosso trato era: Zé abriria seu baú de memórias depois que eu assinasse contrato com uma editora. Em 2008, iniciei uma busca por uma que estivesse interessada no projeto e descobri que alcançar o meu objetivo seria mais difícil do que eu imaginava, tanto pelo medo que os editores tinham de investir no gênero biográfico depois que Roberto Carlos conseguiu proibir a venda de “Roberto Carlos em detalhes”, o livro do historiador Paulo César de Araújo, quanto por uma falta de credibilidade em uma autora nova como eu. Percebi também um certo preconceito de alguns desses editores em relação ao artista. Um deles chegou a me dizer que Zé Ramalho venderia dois livros. Investindo sozinha em minhas pesquisas e tentando furar o bloqueio imposto pelo meu biografado, consegui algumas outras entrevistas e trabalhei em outros dois álbuns dele, o “Tá tudo mudando - Zé Ramalho canta Bob Dylan” – no qual acabei entrando como entrevistadora nos extras no DVD e como figurante na capa do CD e do DVD – e o “Sinais dos tempos”. Eu queria fazer o exercício de verificabilidade para escrever uma história que se aproximasse ao máximo da realidade. Eu não queria ser um dos narradores “que inventan historias que transcurren en alguno de los mundos conocidos, hay otros que inventan mundos, en los que pueden o no transcurrir historias.” (GIORDANO, 2006, p. 55). Mas, com o aprofundamento de minha pesquisa e de meus estudos sobre biografia, percebi que não só que a investigação em busca de uma verdade seria inviável e, assim, ilusória, mas também que minhas vivências junto a Zé Ramalho e às pessoas relacionadas a ele e até mesmo minhas experiências durante as pesquisas contam uma história que envolve não só ele, como também a mim. Inspirada por Janet Malcolm, que se coloca como personagem coadjuvante da trama que narra a saga de

uma jornalista em busca de dados para a produção de uma biografia de Sylvia Plath, comentando fatos da vida e relacionando-os à produção da obra da poeta, descobri que, através de uma narrativa autobiográfica, onde me insiro como receptora das canções, eu poderia fazer uma crítica dessa trajetória, sem deixar de reconhecer o potencial ficcional das informações coletadas. Uma das conclusões a que cheguei durante minhas pesquisas foi que os sujeitos das experiências, assim como os observadores, percebem as ações ou situações próprias e alheias por prismas diferentes.

Enquanto eu via a história de uma maneira, Zé via de outra. A gente foi, uma vez, na chácara de Mickey e Ione, que eram primos das nossas namoradas, em Piedade, em Recife. Nós levamos os violões e tocamos. Zé Ramalho lembra de quando nós invadíamos a chácara de Mickey e Ione e estava aquele céu estrelado e fazíamos desafios maravilhosos. Pra mim, era simplesmente a gente saindo de dentro do carro e tocando<sup>3</sup>.

Esse episódio narrado pelo músico Alceu Valença, que conheceu Zé em Recife, mas saiu de lá e conquistou seu espaço na cena artística carioca pouco antes do parceiro, mostra ser possível a construção de um episódio biográfico por diversos observadores de realidades subjetivas distintas, cada uma delas correspondendo a determinado horizonte de expectativas. Zé Ramalho já disse, em uma entrevista, que, na vida, fazemos ficção porque a verdade não costuma agradar as pessoas. Logo, como observadora de segunda ordem da trajetória de Zé Ramalho, passei a lidar, durante a escrita de meu livro, com as realidades discursivas narradas por diversos personagens tanto nas matérias publicadas e em artigos de jornais e revistas e/ou nos livros – nestes casos, contando ainda com a interpretação dos jornalistas ou pesquisadores responsáveis – quanto nas entrevistas que vinha fazendo ao longo dos últimos anos, com o intuito de construir uma biografia que se aproxime da realidade, mas não tenha o compromisso de ser definitiva, até porque a palavra “definitiva” não define o que a maioria dos leitores pensa que um livro é capaz de definir.

Em “A Mulher Calada - Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia”, Janet Malcolm diz que o biógrafo é apresentado como uma espécie de benfeitor porque “sacrifica anos de sua vida no trabalho, passa horas intermináveis consultando arquivos e bibliotecas, entrevistando pacientemente cada testemunha.” (MALCOLM, 1994, p. 16) Para ela, o leitor acredita estar “vivendo uma experiência literária elevada” e não “ouvindo mexericos de

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida por Alceu Valença a mim em 30/07/2013.



bastidores” quando percebe que o biógrafo se dedicou pra valer, sem deixar nada a fazer por sua pesquisa. Percebi que eu estava no caminho certo. Ao tentar escrever um livro sobre a vida da poeta, a jornalista acabou produzindo um estudo sobre o processo de escrita da biografia. Eu fiz o mesmo: o texto autobiográfico sobre o processo de escrita da biografia, em que utilizo, nos termos de Philippe Lejeune, a narração autodiegética<sup>4</sup>, está finalizado. Porém decidi assumir o papel de biógrafa mesmo sabendo que os paradigmas são outros e não publicá-lo antes de o projeto principal para não estragar a surpresa, entregando aos leitores os bastidores antes de oferecer a eles o show. O que importa é que meu objetivo foi alcançado: sabendo de todos os percalços que passam os biógrafos, sinto-me mais segura para produzir o trabalho que propus ao artista que escolhi biografar. E poderei dizer para todos que o livro que pretendo terminar de escrever conterà a minha versão da trajetória pessoal e profissional de Zé Ramalho, baseada em fatos reais.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO, Paulo César de. **Roberto Carlos em detalhes**. São Paulo: Planeta, 2007.

\_\_\_\_\_. **O réu e o rei**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERj, 2010.

BAHIANA, Ana Maria. **Almanaque anos 70**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BERGER, Peter L. **Alternação e biografia ou: como adquirir um passado pré-fabricado**. In: \_\_\_\_\_. *Perspectivas sociológicas*. Rio de Janeiro: Vozes, 1983, p 65-77.

CAMÕES, Luís. **Os Lusíadas**. Ateliê Editorial, 6a edição: Cotia, 2012.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo - Uma impressão Freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIENY DAYSE. **Zé Ramalho: Uma mistura de sertão e mar**. O Dia. Rio de Janeiro, 02/07/1978.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. *A Hermenêutica do Sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

---

<sup>4</sup>Segundo Philippe Lejeune, a narração autodiegética é aquela que se utiliza do emprego da primeira pessoa para falar da identidade entre narrador e personagem principal.



\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: Ditos e escritos V – ética, sexualidade, política. 3 Ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

GALLE, Helmut. **Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica.** In: Matraga (Rio de Janeiro), v. 18, p. 64-91, 2006.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos.** Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GIORDANO, Alberto. **Una posibilidad de vida.** Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 2006.

HALL, Stuart. **Estudos culturais e seu legado teórico.** In: HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HORROCKS E JEVTIC, Chris e Zoran. **Entendendo Foucault – Um guia ilustrado.** São Paulo: Leya, 2013.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo.** São Paulo: Abril Cultural, 1982.

KEHL, Maria Rita. **Um só povo, uma só cabeça, uma só nação.** In: NOVAES, Adauto. Anos 70 ainda sob a tempestade. Rio de Janeiro: Senac RJ, 2005.

KOLIVER, Henri. **Zé Ramalho, o poeta dos abismos.** Aldeia Editorial: São Paulo, 2008.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico. De Rousseau à internet.** Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LITTAU, Karin. **El papel de los afectos en la crítica literária.** In: \_\_\_\_\_. Teorías de la lectura. Libros, cuerpos y bibliomania. Buenos Aires: Manantial, 2008, p.135-162.

MALCOLM, Janet. **A mulher calada - Sylvia Plath, Ted Hughes e os limites da biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MATOS, Cláudia Neiva de. **A leitura como diálogo: trocando falas com Paul Zumthor.** Revista USP. São Paulo, n. 48, p.205-212, dezembro/fevereiro 2000-2001.

RAMALHO, Zé. **MPBook.** Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

SANTIAGO, Silviano. **Histórias mal contadas.** Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

SLATER, Candace. **A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil.** Trad.: Octávio Alves Filho. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1984.

SILVA, Gonçalo Ferreira. **Vertentes e evolução da literatura de cordel.** Rio de Janeiro: Editora Milart, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TELES, José. **Do frevo ao mangubeat.** Editora 34: São Paulo, 2000.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

## Referências discográficas

RAMALHO, Zé. **Avôhai**. In: \_\_\_\_\_. Zé Ramalho. Rio de Janeiro: CBS, 1978. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 1.

RAMALHO, Zé. **Zé Ramalho**. Rio de Janeiro: CBS, 1978. 1 disco (33 min): 33 1/3 rpm, microsulco, estéreo.

RAMALHO, Zé. **Força verde**. In: \_\_\_\_\_. Força Verde. Rio de Janeiro: CBS, 1982. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 1.

RAMALHO, Zé. **Admirável gado novo**. In: \_\_\_\_\_. A Peleja do Diabo com o Dono do Céu. Rio de Janeiro: CBS, 1979. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 2.

RAMALHO, Zé. **Beira-Mar**. In: \_\_\_\_\_. A Peleja do Diabo com o Dono do Céu. Rio de Janeiro: CBS, 1979. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 5.

RAMALHO, Zé. **A terceira lâmina**. São Paulo: Epic, 1980. 1 disco (35 min. 15 seg.): 33 1/3 rpm, microsulco, estéreo.

RAMALHO, Zé. **Canção agalopada** (com Maria Lúcia Godoy). In: \_\_\_\_\_. A Terceira Lâmina. Rio de Janeiro: CBS, 1980. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 1.

RAMALHO, Zé. **Orquídea negra**. Rio de Janeiro: Epic, 1983. 1 disco (44 min. 32 seg.): 33 1/3 rpm, microsulco, estéreo.

RAMALHO, Zé. **Xote dos poetas**. In: \_\_\_\_\_. Orquídea Negra. Rio de Janeiro: CBS, 1983. 1 disco sonoro. Lado B, faixa 4.

CÔRTEZ, Lula; RAMALHO, Zé. **Paêbirú – Caminho da Montanha do Sol**. Recife: Rozenblit, 1974. 2 discos (86 min. 13 seg.): 33 1/3 rpm, microsulco, estéreo.

RAMALHO, Zé. **Parceria dos viajantes**. Manaus: Sony&BMG, 2007. 1 disco compacto (45 min.): digital, estéreo. + 1 DVD (68 min.)

RAMALHO, Zé. **Tá Tudo mudando - Zé Ramalho canta Bob Dylan**. Manaus: EMI, 2008. 1 disco compacto (48 min.): digital, estéreo. + 1 DVD (65 min.)

RAMALHO, Zé. **Sinais dos tempos**. Manaus: Avôhai Music, 2012. 1 disco compacto (49 min.): digital, estéreo.